

**ST10. EPISTEMOLOGIA, HISTORIOGRAFIA & LINGUAGENS**

692

**UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA: DOS CAMPOS DE ALAGOA NOVA PARA OS CAMPOS DE BATALHA DE UMA GUERRA QUE SE FOI***Luiz Carlos dos Santos<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo tratar da experiência de vida de um alagoanovense na Segunda Guerra mundial. José Adilino de Lira, foi um homem que dedicou sua vida a sua família, o mesmo participou da Segunda Guerra quando jovem, aos dezoito anos de idade, ele foi realmente um dos quais chegaram ao campo de batalha, dentre alguns alagoa-novenses e outros paraibanos. Jose Adilino viveu uma experiência única e sempre dizia que foi o único em Alagoa Nova a ter chegado ao campo de batalha, os outros foram convocados, mas não chegaram a dar um único tiro sequer. O trabalho tem como objetivo mostrar um pouco dessa experiência de vida e ao mesmo tempo fazer um diálogo com a fonte que nos permite falar dessa experiência. Tomei com fonte principal para a realização desse artigo o diário pessoal do senhor Adilino. Neste diário, o mesmo faz relatos de uma experiência marcante e ao mesmo tempo demonstra a sua insatisfação com relação ao não reconhecimento pós-guerra e das dificuldades enfrentadas pelo mesmo depois de ter vindo da guerra. Portanto, ao mesmo tempo em que expectativas foram geradas o mesmo relata algumas decepções e conquistas pessoais. Portanto, o artigo tem como objetivo dialogar com o diário pessoal de Seu Adilino, uma fonte de suma importância que vem contribuindo para que a escrita da história possa registrar, inventar e conservar sempre mais ou menos, ao contar, muitos atos da experiência humana. Sendo assim de acordo com as propostas da História Cultural estes materiais pessoais são portadores e construtores de sensibilidades. Dessa forma, a escrita pode salvar do esquecimento a história de diversos personagens ao fixar no tempo vestígios de experiências passadas.

**Palavras-chave:** José Adilino de Lira. Experiência de Vida. Segunda Guerra Mundial.

Este artigo tem como objetivo tratar da experiência de vida de um alagoa-novense na Segunda Guerra mundial. José Adilino Lira, foi um homem que dedicou parte da sua vida a sua família, mas enquanto jovem foi muito curioso e gostava de desafios e mediante tudo isto resolveu se alistar e participou da Segunda Guerra Mundial quando jovem, quando tinha dezoito anos de idade, ele foi um dos inúmeros soldados brasileiros que chegaram ao campo de batalha na Segunda Guerra Mundial, dentre alguns paraibanos e alagoa-novenses que também foram convocados, ele foi o único alagoa-

<sup>1</sup> O autor é Mestre em História na linha de pesquisa Cultura e Cidades pela UFCG.

novense que chegou a participar efetivamente da Segunda Guerra Mundial. Jose Adelino viveu uma experiência única e sempre dizia que foi o único em Alagoa Nova a ter chegado ao campo de batalha, os outros foram convocados, mas não chegaram a dar um único tiro sequer.

O trabalho tem como objetivo mostrar um pouco dessa experiência de vida e ao mesmo tempo fazer um diálogo com a fonte que nos permite falar dessa experiência. O objetivo do artigo não é contar a história do senhor Adelino tal como aconteceu, a intenção é registrar e conservar através da escrita alguns atos da experiência humana.

A escrita é um exercício importante que nos permite muitas vezes salvar de um esquecimento algumas experiências do humano, pois quando escrevemos fixamos no tempo alguns vestígios de um passado e,

“Assim escrever se constitui em uma forma de produção de memória e por conseguinte, em instrumento de produção de memória”. “A ação da mão sobre papéis, sobre telas, sobre pedras e onde mais for possível deixar traços, a escrita registra, inventa e conserva sempre mais ou menos, ao contar, muitos atos da experiência humana.” (CUNHA, 2009)

De acordo com Maria Tereza Cunha, Roger Chartier afirma que é por meio da escrita, em seus vários suportes, que são fixados os “traços do passado, a lembrança dos mortos, ou a glória dos vivos”. O artigo tem esse objetivo, mostrar e dialogar com as lembranças do ex-combatente. Dessa forma o artigo é escrito a partir de um diálogo feito a partir de fontes importantes que me permitiu assim escrever sobre esta fase da vida do Senhor Adelino. Tomei como fonte para esta escrita um diário pessoal onde o mesmo registrou esta fase da sua vida quando ele serviu ao Exército brasileiro e combateu na segunda Guerra, além contar um pouco como foi a sua vida pós-guerra.

“Os diários pessoais passam a ser vistos como depoimentos valiosos para a compreensão de vidas cotidianas, repletas de gestos de amor, amizade, ressentimento, mas também marcados pelos freios morais de determinada época. Os diários pessoais são fontes a partir das quais é possível capturar sensibilidades do passado, através dos traços objetivos que estas deixaram para o presente, pois como toda a escrita pessoal, eles são atravessados pelas tensões e dilemas do mundo em que se inserem”. (CUNHA, 2009).

Portanto, a memória vai aparecendo mediante uma operação presentificada diante da ocasião, torna-se viável mediante a adequada articulação pela metodologia da história Oral, agenciada por uma recorrência ao procedimento de coleta dos relatos através das entrevistas.

Neste exercício atentamos para Certeau (1994), quando este chama a atenção para os usos da memória e a ocasião da fala, onde esta, a memória, “continua escondida (não tem lugar que se possa precisar), até o instante em que se revela no momento oportuno de maneira ainda temporal embora contraria ao ato de se refugiar na duração, o esplendor dessa memória brilha na ocasião”. (CERTEAU, 1994, P.158).

Na perspectiva do Ricouer, o historiador não deve tratar os vestígios da memória como resíduos arcaicos ou simplesmente como uma ficção que devemos desconfiar o tempo todo. Não, na sua perspectiva o historiador deve reconhecer que existe uma dependência da história para com a memória. Com isto não podemos deixar que se construa um discurso de que somente o documento pelo documento tenha valor.

“A história faz-se, sem dúvida, com documentos escritos, quando eles existem; e, até mesmo, na sua falta, ela pode e deve fazer-se. A partir de tudo o que a engenhosidade do historiador pode lançar mão para fabricar seu mel, na falta de flores usuais.” “A partir de tudo o que, pertencente ao homem, depende e está a serviço do homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, as preferências e as maneiras de ser do homem.” (FEBVRE, 1953, p.428)

De acordo com Antoine Prost a questão do historiador não é ingênua, questionamos por que existe uma ideia do que pretendemos escrever e dessa forma as fontes são essenciais para que a nossa pesquisa possa ter um fundamento. Portanto, “o próprio documento não existe antes que intervenha a curiosidade do historiador”. (PROST, 1993, p. 77).

Através dessa escrita busquei falar de um passado não no intuito de retratar a verdade tal como ela foi, pois nem mesmo a sua escrita no diário conseguiu transcrever uma verdade absoluta dos fatos. A intenção com já foi dito é a de transmitir um pouco dessa história, dessa experiência de vida. Por isso foi importante dialogar com as fontes, o diário e a oralidade através do depoimento em entrevista do senhor, a fonte viva, ele me concedeu uma entrevista um ano antes do seu falecimento. A sua oralidade se transformou em mais uma fonte importante que permitiu a escrita deste artigo.

Em relação as fontes aqui utilizadas devemos perceber que as mesmas têm ao longo dos anos se transformado em importantes meios para os historiadores escreverem seus textos. Os diários por exemplo, permitem aos historiadores fazerem uma espécie de rastreamento das maneiras de viver das pessoas de uma determinada época, de um determinado lugar e de um determinado acontecimento. Sabemos que muitos desses diários se perderam no tempo, mas muitos venceram o tempo, ao fogo, as traças e muitas vezes ao lixo.

O diário do Senhor Adelino é um exemplo dessa resistência, durabilidade e desse vencer ao tempo. Ao visualizar este documento percebo que por suas páginas, ele foi escrito em um simples caderno, para o registro de uma experiência de vida, um diário pessoal. Como afirmou o entrevistado, ele foi escrito logo após a vinda para o Brasil. São papéis antigos que duraram estes anos todos e que foram apresentados a poucas pessoas que não fossem seus familiares. São papéis antigos que duraram esses anos por que foram guardados pelo ex-combatente e agora está se movimentando pelas mãos de um historiador, e sendo assim vai deixando o espaço privado para se tornar público, mediante um consentimento dado em vida e post-mortem pela sua esposa Dona Miriam. Em entrevista no ano de 2011 o senhor Adelino admitia que a sua memória já não era mais a mesma e sendo assim o registro foi o que ficou de mais fiel no tocante a sua experiência de vida quando era soldado brasileiro.

A importância desse diário pessoal se tornou valiosa por ser um documento que serviu para a compreensão de uma vida, a vida de um homem simples e humilde, que dedicou parte de sua vida ao Exército Brasileiro.

## JOSE ADELINO LIRA<sup>2</sup>

José Adelino Lira nasceu em 27 de junho de 1924 no sítio São José de Alagoa Nova, estado da Paraíba. Ficou órfão de pai e mãe ainda muito pequeno, tinha apenas 2 anos e 9 meses de vida, em virtude disto foi criado pelos seus padrinhos que o adotaram como filho, já que o casal não tinha filhos, dessa forma foi criado com o carinho de um filho legítimo como afirma o próprio José Adelino.

“Criaram-me como filho, e em virtude dos mesmos não terem filhos desfrutei dos carinhos de um bom pai e uma boa mãe, e assim deram o curso primário que vim a terminar em 1937. Em maio de 1938 o meu pai de criação Francelino Bernardo Lira veio a falecer.” (Entrevista concedida ao autor em dezembro de 2010).

José Adelino tendo ficado órfão cedo perdeu seu pai adotivo quando ainda tinha 14 anos de idade e isso fez com que o mesmo assumisse a responsabilidade como o homem da casa e assim dedicou-se ainda mais aos serviços de agricultor para sustentar a família.

No ano de 1940 passou a negociar como ambulante viajando com as mercadorias, que eram transportadas nas costas de animais, algo muito comum na época já que os meios e transportes eram escassos quando nos referimos a automóveis. Nesta época a cidade de Alagoa Nova era ainda muito pequena e não desfrutava de tantos recursos viáveis para que as pessoas pudessem se locomover melhor, faltava boas estradas e carros. A locomoção para outras cidades era na sua grande maioria feita nos lombos dos animais, portanto, transportar mercadorias para Campina Grande e outras cidades vizinhas só no lombo dos animais, onde geralmente as pessoas saíam pela manhã e retornavam no fim da tarde.

A rotina do jovem Adelino era simples, mas o jovem almejava coisas novas, lugares diferentes, e, era esse o pensamento de muitos jovens paraibanos, a agricultura não tão favorável assim e as dificuldades eram sempre presentes e sendo assim muitos jovens pensavam em sair para outros estados em busca de melhorar de vida ganhando dinheiro. Jose Adelino também pensava assim, mas também pensavam em servir o exército e assim como o desejo de se alistar no exército o jovem se desloca até a capital paraibana, João Pessoa. No mês de janeiro de 1942 a fim de verificar praça no Exército Brasileiro seu desejo foi realizado no mês de fevereiro quando foi convocado apto para o serviço militar após algumas exceções.

---

<sup>2</sup> Ex-combatente da FEB. Conhecido em Alagoa Nova carinhosamente e respeitosamente por Senhor Adelino, um homem que imprimia respeito não só por que um dia fora um Ex-combatente, mas pela sua conduta, conhecido por ser honesto e rígido na sua educação para com seus filhos. Foi casado com a Dona Mirian, com a qual dividiu boa parte de sua vida na dedicação da educação dos filhos. Foi um homem muito religioso e temente a Deus e devoto do Padre Cicero Romão, devoção que o fazia visitar o Juazeiro quase todos os anos. Pois fim a sua grande jornada no dia 14 de dezembro de 2012.

Tendo sido considerado apto para os serviços militares, José Adelino recebeu em Natal, Rio Grande do Norte, no dia 4 de fevereiro o nº 5839 e ficou no efetivo da Companhia de Eng<sup>a</sup> comandada pelo Capitão Loureiro e o Comandante Geral o Sr. Cel. Nilo Horácio de Oliveira Sicupira, um homem que o senhor Adelino considerou “enérgico e carrasco, mas um grande exemplo de militar”. Nesta fala percebemos que quando o mesmo fala podemos confirmar o que muitos de nós pensamos a respeito destes homens que estão no comando do Exército, pessoas enérgicas e carrascas, mas ele não se coloca contra o Coronel e admira a forma dele agir, considera o seu procedimento normal e necessário para a formação do militar, para ele, era um exemplo. Para ele o militar tinha que ser duro e firme nas decisões, a rigidez era necessária para superar as dificuldades que vinham pela frente.

Nesse período o mundo vivia uma das maiores guerras da história da humanidade, o ano era de muitos conflitos e o Brasil, mesmo de longe via-se envolvido neste acontecimento que pela sua amplitude geográfica e pelo volume de recursos humanos e materiais envolvidos era considerada a maior guerra da história da humanidade. Esta guerra mostrou para o mundo o grande potencial de armamentos de vários países e assim o mundo viu o real poder de destruição que o homem havia construído para o seu extermínio.

O Brasil se tornou em um país importante e desejado, principalmente pela região Nordeste, um lugar desejado e de grande importância estratégica para os países envolvidos na guerra. Nesse contexto

“Os governos latino-americanos eram pressionados por militares e diplomatas dos Estados Unidos para autorizar o uso de bases aéreas e navais por suas Forças Armadas e para fornecer com exclusividade para os aliados matérias-primas estratégicas. Pela sua localização privilegiada e pelos abundantes recursos agrícolas, extrativos e minerais, bem como pela sua importância política regional, o Brasil concentrava os principais esforços de negociação. Um choque de interesses evidenciou-se rapidamente: os norte-americanos queriam enviar militares seus para a construção, reforma, administração e proteção das bases, e o governo brasileiro, por seu lado, não queria receber soldados, mas sim armas e recursos norte-americanos para organizar sua própria defesa. Somente após meses de negociações pacíficas de ambos os lados, no início de 1942 foi autorizado o uso das bases do Norte e do Nordeste brasileiros às Forças Armadas Norte-americanas.” (Ferraz, 2005).

O Brasil tornava-se aliado dos Estados Unidos, sendo assim muitas discussões diplomáticas e militares passaram a fazer pauta das negociações entre os dois países e com isso ficava cada vez mais evidente uma participação brasileira na Guerra.

No Brasil passaria a ter uma base militar em Natal com forte presença de soldados americanos. “Natal se constituiu em um ponto de concentração das rotas aéreas e marítimas dos aliados, ligando as Américas à Europa, à África e às costas do Oceano Índico.” Chegando a ser considerado um dos quatro pontos de maior importância estratégica no mundo, ao lado do Canal de Suez e dos Estreitos de Gibraltar e Dardanelos.

Embarcações brasileiras passaram a serem atacadas e afundadas a partir do ano de 1942 e isso gerou revoltas e protestos o que levou o Brasil a declarar guerra contra a Alemanha e a Itália. No ano de 1943 fica acertado a participação brasileira, e com a participação dada como certa agora era a hora de enviar soldados brasileiros. De acordo com o previsto era para ser enviados 60 mil homens, mas como mandar tantos soldados se no Brasil possuía um efetivo de aproximadamente 90 mil homens. O Brasil era carente em vários setores, carros de combate, armas, equipamentos de comunicação, engenharia e outros. Nas primeiras divisões constatou-se o forte investimento na guerra com a presença de equipamentos modernos, era preciso então selecionar os melhores soldados brasileiros, tanto fisicamente quanto intelectualmente.

“Imagina-se selecionar uma “elite” de pelo menos 60 mil aptos, em um contingente de 200 mil convocados. Porém os resultados dos exames físicos e psicológicos desnudaram um quadro alarmante da situação sanitária da população brasileira. Desnutrição, doenças crônicas, parasitárias, patológicas circulatórias, pulmonares e dermatológicas caracterizavam expressiva parcela da população examinada, inclusive praças e oficiais do Exército regular, aprovados nos exames físicos ordinários para ingresso a profissão militar mas com enfermidades incompatíveis para seu uso em combate, tais como daltonismo, pés chatos, doenças respiratórias e circulatórias e até mesmo icterícia, epilepsia e hanseníase, além de psicoses variadas.” (FERRAZ, 2005)

Esse era o perfil de uma grande parcela dos soldados brasileiros. Gerou-se uma suspeita de alguns simularem a incapacidade física e mental, mas isso não foi suficiente para impedir que muitos fossem a Itália, mesmo procurando demonstrar a incapacidade. Aqueles selecionados e aprovados tiveram um treinamento centrado no Rio de Janeiro, segundo seu Adelino, “um treinamento sofrível pela falta de recursos e pela desatualização dos oficiais brasileiros”.

## **JOSÉ ADELINO NA GUERRA**

O jovem Adelino no Rio de Janeiro passava por exames e era considerado apto. No dia 23 de novembro de 1944 juntamente a outros soldados brasileiros embarcou para a Itália chegando em 8 de dezembro do mesmo e desembarcando no porto de Nápoles, chegando a um acampamento no dia 12 de dezembro, nas proximidades de Pisa.

Adelino deparava-se com a realidade de uma guerra, em seu diário ele relata e tenta detalhar momentos que ele considera importantes e que ficaram marcantes em sua vida. Assuntos que viriam a fazer parte de suas reuniões com amigos e familiares anos depois.

Em terras tão distantes de sua querida terra natal José Adelino declara “encontrei campos minados nos arredores do acampamento, não podíamos afastar-se do referido acampamento, pois quem isto tentasse era morte quase certa e assim aproximou-se minha primeira noite e me abriguei em uma barracão com um colega cearense, o Bezerra”.

A realidade de uma guerra é muito dura e as vezes as pessoas que estiveram presentes custavam a acreditar que a situação era tão difícil assim, foi algo que marcou a vida deste homem e muitos outros colegas seus, além de que as vidas das famílias dessas pessoas também ficaram marcadas pela perda de um ente querido e pela angústia e não saber se um dia voltariam a velos. Muitos não conseguiram voltar para seus familiares, e nem voltaram mais para seu país. As lembranças daqueles dias ficaram na memória desses homens. São muitas as lembranças que acabam se perpetuando através de seus depoimentos. No caso de seu Adelino as lembranças foram registradas no seu diário pessoal. As lembranças de uma primeira palestra maluca que ele afirma ter escutado.

“No pátio do grande acampamento ficamos em grande número, em uma palestra maluca. Dizia um, não voltamos mais ao Rio, outro dizia, não vejo mais o Sr. Do Bonfim, não vejo mais o corcovado e outros, não vejo mais meus pais, não verei minha noiva, não sei como esta minha esposa e meu filhinho, e enquanto isso contrastando com essa situação encontrava-se outros batendo pandeiros e violão, cantando sambas e melodias brasileiras e outros cantando xangô e assim fomos dormir altas horas da noite e ai eu pensando, qual de nós teria a grande ventura de falar com seus pais, parentes, filhos, noivas, esposas, amigos. Como de fato nem todos tiveram direito a isto, seus corpos ficaram sobre o gelo dos Apeninos como bravos heróis que morreram pela pátria em cumprimento do seu dever”. (Diário de José Adelino de Lira)

O que percebemos é que o Brasil enviava muitos homens sem preparação, e em muitos casos inseguros, nervosos e psicologicamente despreparados, as situações acima citadas podem ser vistas como válvulas de escape para um bando de homens que se viam pela primeira vez em uma situação tão diferente em suas vidas.

Estas seriam as primeiras dificuldades de uma guerra, além das dificuldades de adaptação a saudade era grande, mas o pior ainda estava por vir, viriam as dificuldades climáticas, muita chuva e muito frio. Muitos nordestinos nunca haviam enfrentado tanto frio em sua vida mesmo nos períodos de muita chuva e frio já vivenciados no Nordeste. Não só os nordestinos, os cariocas também sofreram.

“Já alta a noite começou a cair grande tempestade e terminamos dormindo o resto da noite dentro da lama, envolvidos nas roupas e mantas que nos conduziam, chegou ao ponto que até a barraca do comando ariou e ficamos nos brasileiros já sofrendo as primeiras consequências da guerra. Amanheceu o dia 12 de dezembro de 1944 e ficamos esperando o sol, mas foi de balde, pois ele de fato, veio o sol mas de nada aqueceu, não enxugava um lenço por mais fino que fizesse e até aqui todos nós ainda enganados, pensando que lá tinha este mesmo clima, este mesmo sol tropical do nosso glorioso Brasil, ainda não estávamos compreendendo o que era a Europa.” (Diário de José Adelino de Lira).

O jovem Adelino havia deixado os campos de Alagoa Nova para passar por uma importante experiência em outros campos. Campos diferentes e por mais que a sua terrinha tenha um inverno muito longo por ser considerada uma região brejo, mas nunca

havia vivido tão intensas chuvas e frio, era uma experiência diferente, o clima Europeu fazia com que os campos parecessem camuflados pela neve, eram rios e fontes congeladas.

Somente no dia 5 de janeiro de 1945 ele foi transferido para a linha de frente da Segunda Guerra Mundial, ficou em meio aos escombros de prédios destruídos em uma cidade italiana de nome estranho como ele afirma, segundo Adelino chamava-se Porreta. Juntamente com seus companheiros foram logo alertados do perigo, “não façam barulho, nem fumem, tendo de fumar que seja muito oculto, por baixo das mantas que os inimigos estão muito próximos aqui a nossa frente”, segundo José Adelino, estas foram as palavras do Sargento.

Na linha de frente José Adelino lutou e se deparou com uma situação muito perigosa o tal combate urbano no qual atravessar uma rua ou dobrar uma esquina eram manobras arriscadas e em uma dessas manobras juntamente a seus colegas foram surpreendidos por uma rachada de metralhadora e segundo José Adelino, “para eu escapar mergulhei em um abrigo individual e por cima deixei cair fardos de feno e palha, escapei e daí por diante começou sofrimento maior”.

José Adelino se refere assim pelo fato de ter sido este tipo de combate que fez com o Brasil tivesse muitas baixas em combate contra alemães, mas:

“Duas semanas depois da conquista de Montese, após algumas ágeis manobras de perseguição, a divisão brasileira conseguiu a rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, fazendo aproximadamente 15 mil prisioneiros. Isso era pouco usual na guerra travada na Itália, uma vez que as rendições se davam por unidades menores, como companhias ou batalhões, raramente atingindo regimentos”. (FERRAZ, 2005).

Terminada a guerra o que de fato José Adelino ganhou, segundo o mesmo, foi um martírio, ele não se achava merecedor, mas se conformava por confiar em uma força maior e espiritualmente se considerava preparado. Mas as dificuldades só aumentavam e ele se revoltava ao falar que não foi amparado pelos poderes públicos. Voltaram para o Brasil mas faltou o emprego, faltou o reconhecimento. Voltou a comercializar em um pequeno comércio local onde trabalhou até 1947. No seu retorno encontrou sua mãe muito doente, um câncer no útero que a levou a óbito no ano de 1949. Neste ano havia conseguido um cargo de soldado da Força Pública onde servia em Campina Grande. Após a morte de sua mãe conseguiu destacamento em Alagoa Nova passando assim 5 meses como soldado.

As dificuldades do ex-combatente só aumentavam, deixando sua terra natal foi a procura de ajuda em Brasília nos anos de 1950 onde tentou ajuda na Associação dos ex-combatentes a fim de facilitar um emprego, mas de nada valeu teve que trabalhar como Candango nas construções que cresciam na nova capital brasileira, além de trabalhar por alguns anos de copeiro.

O que na verdade aconteceu foi que alguns militares conseguiram se sobressair depois da guerra, mas na sua grande maioria os soldados brasileiros ficaram desamparados e a única recompensa que tiveram por arriscar suas vidas, foi o esquecimento. A volta da Força Expedicionária brasileira foi transformada por alguns



grupos políticos como símbolos de resistência contra regimes, como o de Vargas e contra o populismo que o mesmo representava, mas muitos brasileiros que foram a guerra não participaram de nenhuma articulação, não obtiveram nenhum benefício. A sua condição de veterano não representava muita coisa. “Muito pelo contrário, aqueles milhares de homens que realmente tiveram como principal recompensa o esquecimento”.

Muitos ex-combatentes conseguiram pelo menos retornar a uma rotina normal, junto a seus familiares, mas outros não conseguiam se relacionar direito, alguns se entregaram ao vício do álcool. “Uma parcela dos ex-combatentes, no entanto, encontrou dificuldades na readaptação as rotinas da vida civil, agravadas pela concepção popular de que voltaram “neuróticos de guerra”. Alcoolismo e violência doméstica dificultavam a reintegração social”.

A guerra não trouxe muitos benefícios para alguns milhares de brasileiros, que voltaram sem oportunidades e sem escolaridade. Tudo isto se tornava em um grande agravante na procura de emprego. Esse foi um grande diferencial quando comparados aos soldados americanos que representaram altos custos ao cofre americano pois tiveram de seu país um programa de reintegração social e profissional muito mais eficaz do que o nosso.

A vida do ex-combatente foi muito difícil, mas a espera se transformou em esperança quando no ano de 1988, com a nova Constituição Federal, os veteranos de guerra conquistam seus direitos, “os veteranos de guerra conquistaram o direito de uma pensão especial, como reconhecimento de seus sacrifícios na linha de frente”. Um reconhecimento tardio, pois muitos já haviam falecido e quando isto veio a acontecer no Brasil só havia aproximadamente 10 mil veteranos de guerra. Mas apesar disso tudo os poucos que tiveram nos seus últimos dias de vida o direito de desfrutar e uma pensão que veio a ajuda-los nas dificuldades enfrentadas pela vida.

O senhor Adelino já não desfrutava de uma boa saúde, mas foi um guerreiro em vida e se transformou em um grande exemplo de homem para os alagoa-novenses. Um homem respeitado por muitos, mas pouco reverenciado, não simplesmente pelo fato de ter ido a uma guerra, mas pelo fato de ser um homem que representou um país em um acontecimento histórico. Um homem de história que fora lembrado algumas vezes quando convidado para desfiles cívicos na cidade que ele chamava de terra Natal, Alagoa Nova.

O meu trabalho é fruto de uma experiência que tive com o próprio quando o procurei para tratar de um outro assunto, sobre a cidade e em meio a algumas entrevistas o mesmo me revelou seu diário, um documento que segundo ele, somente alguns de seus familiares tinham conhecimento. Um diário simples, mas rico em alguns detalhes quando o mesmo pedi-me para o lesse, reclamava da memória, pois já não era a mesma, considerava falha e quando fazia a leitura parecia que passava um filme de sua vida. Lia com entusiasmo e me proporcionava a oportunidade de poder dialogar com uma figura simples, mas que assim como as grandes figuras também fez parte da história do Exército Brasileiro e do nosso país.

Finalizo este artigo com as palavras de José Adelino Lira:

“Sou um indivíduo que não me submeto a autoridade alguma, exceto a minha razão e a minha consciência. Expresso e vivo sem temor de acordo com minhas convicções da verdade. Pois conservarei em mim a divindade da juventude e afirmo a mim mesmo: renovo a minha fé e confiança na fonte da vida, da luz, do amor perfeito e da juventude eterna. O espírito de mocidade, a fonte de águas vitalizadoras me liberta da velhice e da morte. Torno-me aquilo que vejo em mim mesmo. Tudo o que o verdadeiro pensamento me sugerir posso executar, tudo o que o pensamento me revelar posso ser. Pois a individualidade consiste em viver e sentir. Duas pessoas, embora esteja no mesmo ambiente não terão a mesma vida intelectual. Nos planos superiores se vê as almas se reunirem em algum templo a orarem, logo o templo fica iluminado e essa iluminação aumenta e irradia seu esplendor abençoando aos que rezam. Essa luz é a luz de alguma grande alma que desce dos céus mais elevados para abençoar os que estão em planos inferiores, e assim envia um batismo de amor e poder para aqueles que trabalham para o bem da humanidade. Esta é uma ilustração do que posso fazer com a minha habitação mental. Posso infundi-la de pensamento de amor e boa vontade, dar-me-ei um caráter crítico de modo que a sua irradiação abençoara a todos indistintamente. É isto que viso para o bem estar da humanidade.

José Adelino Lira, Ex-combatente da FEB.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Tereza. Territórios abertos para a História. IN: O historiador e suas fontes. Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca (orgs.). – São Paulo: Contexto, 2009).

Diário pessoal de José Adelino de Lira.

FEBVRE, L. Combats pour l’histoire. Paris: Armand Colin, 1953.

FERRAZ, Francisco César Alves. Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LIRA, José Adelino. Entrevista concedida ao autor em dezembro de 2011.

LORIGA, Sabina. A tarefa do historiador. In: GOMES, Angela de Castro, SCHMIDT, Benito Bisso. Memórias e narrativas autobiográficas organizadores. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

RICOUER, Paul. “Preludio”, “Fase documental: a memória arquivada”, “A representação historiadora”, In: RICOUER, Paul. A memória, a história, o esquecimento, trad. Alain Fañçois Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2007.